UMA ANÁLISE DA REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE A PARTIR DA APROPRIAÇÃO DE MARX

Ednéia Alves de Oliveira, Victor Salomão Lacerda Brandão, Laura Maria Cabral Silva[1]

RESUMO

Este artigo, fruto de um projeto de iniciação científica, objetiva discutir a relação entre serviço social e marxismo. A metodologia utilizada foi análise de conteúdo, com a leitura de artigos publicados por assistentes sociais na revista serviço social e sociedade nos anos de 2010 a 2020. Ao término da pesquisa foi possível constatar que o serviço social, ao contrário do preconizado por alguns autores, de que tem buscado uma apreensão das categorias diretamente da teoria social de Marx, continua utilizando de leituras secundárias de autores da tradição marxista, com pouco ou equivocadamente análises diretamente do próprio autor, o que possibilita compreensões ainda rasas e residuais da realidade social e suas formas de enfrentamento.

Palavras-chave: Serviço Social; teoria social de Marx; Serviço Social e Sociedade.

ABSTRACT

This article, the result of an undergraduate research project, aims to discuss the relationship between social work and Marxism. The methodology used was content analysis, with the reading of articles published by social workers in the magazine social service and society in the years 2010 to 2020. At the end of the research, it was possible to verify that social work, contrary to what is recommended by some authors, that it has been seeking an apprehension of the categories directly from Marx's social theory, it continues to use secondary readings by authors from the Marxist tradition, with little or wrongly analyzes directly from the author himself, which enables even shallow and residual understandings of social reality and its forms of coping.

Keywords: Social service; Marx's social theory; Social service and Society.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo é resultado de uma pesquisa de iniciação científica realizada entre 2020 e 2021 com o objetivo de compreender a apreensão da teoria social de Marx nas produções teóricas do Serviço Social. A metodologia utilizada foi a análise de

[1]Professora do curso de Serviço Social da UFJF. Dra em serviço Social pela UERJ - oliveiraedneia21@yahoo.com.br/ Mestrando em Serviço Social/UFJF - maxsalomao@gmail.com/ Graduanda em Serviço Social/UFJF - lauracabraljf@gmail.com.

conteúdo por meio de artigos publicados por assistentes sociais na Revista Serviço Social e Sociedade nos anos de 2010 a 2020. A escolha da revista se justifica pelo pioneirismo na produção do conhecimento na área, somando um volume consistente de publicações de profissionais e intelectuais. Nosso intuito foi identificar como vem se dando a compreensão e interpretação das relações sociais de produção capitalista, em particular na realidade brasileira. Partimos do pressuposto que, com o movimento de renovação do serviço social nos anos de 1960 e, retomado com maior fôlego após o término da ditadura civil-militar no Brasil nos anos de 1980, houve uma maior aproximação do serviço social ao método marxiano e, consequentemente, uma apropriação direta sobre seu pensamento para análise das mediações necessárias para a construção do saber alicerçado sobre o pensamento crítico com vistas a superação da ordem vigente.

Salientamos que a vertente de intenção de ruptura com o conservadorismo colocou em disputa a necessidade de não mais utilizar Marx pelas vias de autores secundários, o que empobrecia e tornava a leitura do autor numa espécie de cartilha ou manual a ser seguido pelos profissionais limitando a compreensão do que a teoria trazia em sua gênese. Este movimento possibilitou avanços na compreensão do modo de produção capitalista e suas reverberações no âmbito da profissão, mas também foi acometido de uma profunda crise que, originada no seio do debate sobre algumas categorias, contribuiu para um entendimento que tende ao ecletismo, reformismo ou ainda no espontaneísmo da vontade mesclando a teoria social de Marx com autores que pouco ou nada se vinculam a ele.

Destarte é importante ressaltar que o serviço social, pela sua própria dinâmica dentro do modo de produção capitalista, vive em um conflito constante, pois ao mesmo tempo que no Brasil, assume a perspectiva de lutar pela construção do comunismo, se vê obrigado a responder às necessidades imediatas da classe trabalhadora e também da sua subsistência, executando políticas públicas no seio do Estado burguês em tempos de ofensiva do capital. Ao não compreender as categorias fundamentais da teoria de Marx acaba por invocar soluções que são contrárias ao pensamento crítico e acreditamos que isso se dá, devido ao fato de que as leituras de Marx continuam se efetivando por vias secundárias em que o referido autor é apresentado

muitas vezes com graves distorções, ou ainda com citações ou frases que não traduzem seu pensamento. Nesse sentido, não ocorreu uma leitura direta das suas fontes, mas de autores que interpretam Marx, o que compromete as análises do serviço social e também da realidade em que se insere este profissional.

Outro aspecto a ser destacado é o movimento do capital que impõe uma luta pela sobrevivência de forma a afetar toda a classe trabalhadora e que impede que as respostas se deem por vias do Estado tendo em vista o recorrente apelo ao corte de gastos públicos, sobretudo nas políticas e serviços sociais e na crescente flexibilidade das leis e contratos trabalhistas, para atender imposições das agências internacionais, impactando no trabalho do assistente social e dos sujeitos com os quais trabalha cotidianamente.

2 RENOVAÇÃO DO SERVIÇO SOCIAL E APROXIMAÇÃO DO MARXISMO

O processo de renovação do Serviço Social Brasileiro, durante a ditadura militar no país, marca a ambiência da pluralidade na profissão, pluralidade que extrapolaria formas e métodos de atuação e passaria a permear o âmbito de produção do conhecimento e orientação teórica profissional. Como particularidade de um processo latino-americano maior, conhecido como reconceituação, o serviço social brasileiro em sua renovação, depara-se como uma série de surgentes demandas, decorrentes mesmo das alterações do padrão capitalista brasileiro, voltado à modernização, cujo mote liga-se ao crescente processo migratório campo-cidade, à incursão do Estado como empreendedor de risco, e a tentativa de industrialização, que rebatem obviamente na alteração do padrão social urbano, acelerando exponencialmente as contradições entre classes, tendo em vista o crescimento considerável do proletariado e de suas franjas no cenário social, enquanto classe minimamente organizada, mesmo que de forma forçada e desinteressada pelo próprio espaço produtivo. Desta forma, a ‘’questão social’’ torna-se elemento constituinte fundamental da cena autocrática, condensando naquele período não só um padrão de Estado específico,

mas classes dominantes coorporativizadas em torno de um projeto de desenvolvimento, que apesar de manter o padrão histórico de dependência, carrega traços claros de modernização, tal qual ainda, o fortalecimento do proletariado na cena social.

Diante de tal modernização, Netto (2011), apontará mudanças consideráveis que afetam o serviço social de até então, mudanças que giram desde a ampliação do mercado de trabalho para assistentes sociais, tanto estatal como empresarial, visando o controle da força de trabalho in loco ao ambiente produtivo e ex situ a este ambiente, voltando as incursões na reprodução cotidiana dos sujeitos. Tais incursões alteram em alguma escala seu padrão, transcendendo da mera lógica caritativa genética e assumindo perspectiva técnica-burocrática, visando suprimir os abalos possivelmente causados pela multiplicação da ‘’questão social’’, o que marcará a refuncionalização profissional, exigindo assim novos padrões de conhecimento que sustentem tal alteração. Deste modo, combinar-se-ão estratégias de apaziguamento, que caberão a este serviço social modernizado, somadas as violações de força sistemática empreendidas pelo Estado da autocracia burguesa.

É neste caldo, de alterações macro societárias e particulares à profissão, que o processo de renovação se dá, visando, estabelecer formas de ação e de conhecimento embasatório, capazes de atender as demandas em voga. Obviamente, tal processo acompanha um marco, também fundamental da profissão, a sua inserção nos ambientes de formação universitária e o contato com as diversas formações destes espaços e suas respectivas matrizes teóricas, em que se abrem as portas expostas por Netto (2011), para a cientificização e laicização da profissão. É neste quadro, de mudança considerável do processo de formação profissional, agora ligado à organização acadêmica do conhecimento, que a profissão passará por mudanças consideráveis em sua lógica própria de conhecimento, diversificando-a de forma praticamente inédita até então, em sua história. Ante esta diversificação do conhecimento, produzida por todo este movimento sociopolítico modernizador, que o processo de renovação se colocará em marcha a partir de três principais correntes identificadas por Netto (2011) como a perspectiva modernizadora, cuja matriz teórica

fundamenta-se no positivismo e estruturalismo, com perspectiva pseudocientífica de neutralidade. A reatualização do conservadorismo, com a premissa de recusa do positivismo e das incursões marxistas, recuperando por sua vez tendências conservadoras da profissão, inspirando-se em uma certa fenomenologia, rodeado pela recuperação religiosa velada, com ênfase caritativa psicossocial.

A terceira vertente, essencial deste processo, é conhecida como intenção de ruptura, vertente diretiva hegemonizante da profissão, ainda mais se levado em conta especificamente os processos organizativos e formativos do serviço social. Desta forma, faz-se mais que necessário, ressaltar algumas contradições neste decurso. Uma primeira contradição emblemática, que é marcada obviamente pelas limitações conjunturais, históricas e políticas, está ligada à apropriação do marxismo por parte desta vertente. Tal apropriação mostra-se débil já na surgente experiência, questão que não é ignorada, e certeiramente reconhecida, pelas próprias idealizadoras da incursão de Belo Horizonte e por seus analistas posteriores. Netto (2011) perceberá traços de voluntarismo e ecletismo, marcando a apropriação como débil justamente por beber em fontes secundárias a Marx. Exemplo desta consideração Lessa (2016) indicará, apontando que existia incompatibilidade entre a análise de classes presente na experiência, uma vez que partia do pressuposto de existência de uma ‘’classe oprimida’’, questão que segundo o autor impossibilita a definição clara da classe potencialmente revolucionária, na medida em que simplifica a luta de classes entre opressores e oprimidos, de modo a velar a complexidade da contradição pertinente ao modo de produção capitalista, uma vez que mistifica o conflito entre classes abstratas, distanciando consideravelmente da formulação de luta de classes marxiana.

De todo modo, o que a hora dos acontecimentos era recheado de sentido, perde-se em contradição mesmo com a matriz teórica assumida pelo corpo dito hegemônico quando colocado em confronto com o marxismo genético de Marx e dos clássicos ortodoxos que o seguiram, de forma que, tanto Lessa (2016) como Oliveira (2020) concluem que o serviço social ao se aproximar do marxismo, afasta-se ao mesmo tempo de grande parte do marxismo de Marx, assim, o significado social da

profissão e seu papel distanciam-se, e muito, da pretensão teórica proclamada pelo corpo autoafirmado hegemônico, estabelecendo uma contradição gritante entre o lugar e significado da profissão no modo de produção capitalista e suas pretensas tarefas transformadoras, descolando a análise da realidade social da análise do papel social da profissão, atribuindo orientações e tarefas profissionais não cabíveis aos limites profissionais, e por isso mesmo, completamente distantes da prática profissional cotidiana. De modo que, o marxismo torna-se um adereço retórico justificador de assunção de um projeto societário, que na verdade não compete a uma categoria profissional, mas a uma classe com potenciais revolucionários. Em suma, a profissão, principalmente por meio de sua raiz hegemonizante, encontra dificuldades em assumir que a desejada extinção do modo de produção capitalista (seja lá porque meios), é a extinção, justamente pela função social conformadora, do próprio Serviço Social.

Assim, o processo de renovação do Serviço Social, com o saldo pluralístico acumulado, e com uma não tão consolidada vitória hegemônica da intenção de ruptura, é hoje ainda, ambiente de consideráveis contradições internas, acompanhadas por um emaranhado de orientações teóricas, que mesmo segmentadas e pouco organizadas, fazem-se aparecer a cada dia, como apontado especificamente no capítulo dois de Oliveira (2020), ou ainda nas aparições das vertentes clínica, liberal, cristã, neopentecostal, além é claro das atualizações ecléticas da modernização, presentes em muito da pós-modernidade, ou mesmo das derivações híbridas que afirmam ainda beber do marxismo, mas que estão permeadas de sincretismo. Mas, ainda mais importante e reflexo das sérias contradições profissionais, incitadas pela dinamicidade do real, está a problematização mesmo da presença do marxismo no seio da profissão, uma vez que, apesar de autoafirmada hegemonia, a corrente marxista tem se mostrado reduzida ao âmbito acadêmico, distanciada da prática profissional e cada vez mais esvaziada em conteúdo, afirmações que não se baseiam na mera crença, mas em pesquisas como a de Oliveira (2020), Lessa (2020) e pelo compilado de dados coletados por nossa pesquisa até o momento.

Merece destaque ainda o contexto de apropriação do marxismo no Brasil marcado por um contexto internacional de crise dos partidos de esquerda, em face da crise do socialismo, de avanço da ofensiva do capital e as mudanças na organização do trabalho e reconfiguração do Estado com vistas à recuperação das taxas de lucro, de ascenso de movimentos sociais de caráter subjetivista e identitário nos países europeus e EUA e a recusa do marxismo como forma de compreensão da realidade, por entender que tal realidade é agora permeada por discursos fragmentados e residuais. Nesse sentido, o econômico se separa do político, colocando em xeque a concepção de totalidade, numa clara recusa ao marxismo de Marx, ou marxismo ortodoxo (LUKÁCS, 2003)[2].

A recusa da totalidade, reverbera na incompreensão do processo sucessivo de abstração e síntese das determinações da realidade condensadas na formação de categorias que expressam o movimento dinâmico da própria realidade, excluindo a formulação de categorias desconexas, unilateralizadas ou caóticas. As determinações abstraídas cujo processo de conhecimento reproduz na forma de teoria são expressão de uma totalidade de determinações relacionadas, contraditórias e multifacetadas, ou seja, as determinações são determinações justamente porque em sua conexão e conflito conformam a realidade social em sua totalidade. Esta totalidade, permeada por determinações inter-relacionadas, expressas teoricamente na forma de categorias historicamente referenciadas, carrega em si, enquanto objeto, enquanto realidade histórica, uma dinamicidade própria, onde as determinações se fundem em complexos constituídos por complexos, cuja interação mútua expressa justamente o movimento

[2] Para o entendimento do marxismo ortodoxo, que conforme aponta Lukács (2003) refere-se especialmente a questão do método em Marx, devemos ter em conta uma primeira consideração que compartilhamos com especialistas como Chasin (2009), Netto (2011) e Tonet (2013), cuja consideração vai em sentido de afirma que, em Marx não há a formulação de uma metodológica de aplicabilidade e repetição, cuja elaboração se dá a priori e independe do objeto a ser analisado, fruto do mero exercício subjetivo e intelectual de um pesquisador dotado de características especiais. Isto é, o ‘‘método’’ em Marx não reproduz a lógica metodológica das ciências duras ou naturais, muito menos segue a lógica harmônica naturalista do positivismo ou a formulação de tipos ideias Weberianos. Em Marx, há de forma primária, a inversão do idealismo que até então imperava no ramo de compreensão e estudo da realidade social[1], de forma que, o primeiro passo dado por Marx caracteriza-se justamente pela compreensão de que ‘‘A consciência nunca pode ser outra coisa senão o ser consciente, e o ser dos homens é o seu processo real de vida’’ (MARX; ENGELS. 2009, p.31), onde ‘‘[...] parte-se dos próprios indivíduos vivos reais e considera-se a consciência apenas como a sua consciência.’’ (MARX; ENGELS. 2009, p.32).

do real. As categorias expressam em diferentes graus, a multi-interação destes complexos e suas determinações afinitivas ou contraditórias.

As instâncias constitutivas da totalidade variam em complexidade e determinação, assim, abstrações, ou categorias teorizadas em diferentes níveis de complexidade auxiliam no entendimento dinâmico, mas aproximado, do real. Marx afirma que, ‘’[...] é mais fácil estudar o organismo, como um todo, do que suas células. Além disso, na análise das formas econômicas, não se pode utilizar nem microscópio nem reagentes químicos. A capacidade de abstração substitui esses meios’’ (MARX, 2017, p.16). Isto é, a forma mais complexa contém elementos adicionais, ou maior número de determinações em relação a forma mais simples, de modo que, não é possível deduzir o complexo do simples, mas o simples do complexo, uma vez que a forma mais complexa está recheada de novos elementos antes não existentes ou pouco desenvolvidos na forma simples. Para a compreensão mais certeira do elemento simples é necessário conhecer o elemento complexo, pois este contém parte dos elementos mais simples e ainda está adicionado de novas determinações. Dessa forma, por conta da maior extensão do elemento complexo, não é possível deduzi-lo em sua totalidade e realidade de elemento simples, mesmo que este complexo se manifeste como continuidade do simples. Assim, a priorização das abstrações totalizantes se justifica em Marx, justamente pela complexidade de determinações nelas contidas, de modo que a aproximação teórica com a realidade se mostra mais facilitada.

Exemplo histórico-econômico pode ser a compreensão do modo de produção capitalista enquanto uma universalidade, justamente por abarcar as determinações gerais, o modo de produção capitalista na realidade brasileira como singularidade, justamente por expressar determinações específicas, próprias, imediatas da realidade brasileira, mas por contar ao mesmo tempo com todas as determinações e contradições da universalidade, e o modo de produção capitalista de matriz dependente ou colonial como mediação, como particularidade, que liga as determinações ‘’simples’’ da singularidade brasileira e as determinações complexas do capitalismo mundial.

‘’Assim, essas ideias, essas categorias, são tão pouco eternas quanto às relações que exprimem. São produtos históricos e transitórios’’ (MARX, 2007, p.101). Isto é, Marx expõe claramente que as categorias têm caráter transitório, levando em conta que expressam a realidade em movimento, logo, as categorias, são produtos determinados historicamente. Marx fundamentará os inéditos (em forma) imperativos da historicidade e ontologia, utilizando-os como elemento central para a compreensão e captação da totalidade social e da lógica econômica que a permeia e rege. Assim, compreende que, ‘’As categorias econômicas são apenas as expressões teóricas, as abstrações das relações sociais da produção’’(MARX, 2007, p.100). De modo que, sua análise e crítica destruidora do modo de produção capitalista, não é maquinação subjetivista, mas produto, derivado mesmo da captação da gênese e desenvolvimento das formas de produzir e reproduzir a vida social pelos homens, na compreensão dos limites históricos, temporais, da datação das relações sociais de acordo com momentos específicos da própria realidade social e de sua mutabilidade, dado mesmo a imperativo histórico e o imperativo ontológico. Assim, e em conclusão, as categorias, expressam da formulação do conhecimento em Marx, manifestam, pronunciam na forma de conhecimento científico, as relações de produção vigentes, que se alteram, fenecem ou se reproduzem de acordo com as alterações do processo real de vida dos homens.

3. ANÁLISE DA PRODUÇÃO DE ASSISTENTES SOCIAIS NA REVISTA SERVIÇO SOCIAL E SOCIEDADE: OLHANDO AS ÁRVORES SEM VER A FLORESTA

Nossa pesquisa primou por uma busca de textos publicados e disponibilizados on-line na Revista serviço social e sociedade. Faz-se necessário ressaltar que esta pesquisa foi realizada no período da pandemia do COVID-19, posto isso ocorreu uma impossibilidade de acesso a grande parte do material inicialmente planejado, tendo em vista as conhecidas restrições sanitárias. Assim, as revistas publicadas entre os anos de 1979 a 2009, que se encontram disponíveis na biblioteca da instituição de

ensino onde a pesquisa está referenciada não puderam ser consultadas, pois a mesma está fechada por tempo indeterminado e não há acervo online disponível. Desse modo, consultamos o acervo online da revista com 329 artigos disponibilizados, publicados em revistas de 2010 a 2020. Nestes realizamos o primeiro corte, considerando apenas artigos escritos por assistentes sociais brasileiros, totalizando 220 artigos. Logo após, procuramos analisar apenas estes escritos de assistentes sociais, buscando os textos de assistentes sociais que continham algum escrito de Marx em seu referencial, consequentemente encontramos uma baixa para 37 artigos ao longo dos 10 anos disponibilizados pela revista online. Isto é, dos 220 artigos encontrados no primeiro corte, onde selecionamos apenas aqueles escritos por assistentes sociais brasileiros, apenas 37 deles continham algum texto de Marx na bibliografia.

Em outros termos ou enfatizando, os dados quantitativos nos oferecem o seguinte cenário: dos 329 artigos publicados pela revista entre 2010 a 2020, 66,86% eram de assistentes sociais brasileiros, ou seja, 220 artigos. Do total de artigos publicados por assistentes sociais brasileiros na revista, os 220, apenas 16,81% contém algum texto de Marx em sua bibliografia, isto é, apenas 37 artigos. Deste modo podemos inferir que, do quantitativo de artigos presentes na revista, escritos por assistentes sociais brasileiros (220), pouquíssimos contém em sua bibliografia algum texto de Marx, isto é, o fundador da vertente teórica que parte hegemonizante da profissão advoga como principal referência da profissão. Ou seja, aparece apenas em 37 artigos, resultando em 16,81% do total da produção da categoria.

Assim, podemos inferir algumas questões importantes, 1) nos últimos 10 anos de publicações da Revista Serviço Social e Sociedade, revista notoriamente voltada à categoria profissional e considerada como principal polo de publicações da profissão – por conta mesmo de sua avaliação Qualis A1[5] –, aproximadamente 1/3 das publicações são de autores cuja atuação ou formação não está diretamente vinculada ao Serviço Social, com origem nas mais diversas áreas como medicina, psicologia, economia, ciências sociais, filosofia e etc. Assim, podemos perceber que, por um lado, é possível apreender um ainda considerável intercâmbio entre a profissão e as

diversas áreas do conhecimento, demonstrando certa expansão em relação a aquele contato inicial com as ciências sociais no período da renovação. Notória interlocução se dá com a abrangente área da saúde por conta da inserção do Serviço Social como uma profissão no rol de atuação na saúde e no desenvolvimento de trabalhos e atividades multidisciplinares. Há ainda contato com a economia e ciências sociais quando da análise da realidade social em sua estrutura econômica e na conformação do Estado, por exemplo. Demonstra ainda, o interesse por parte de pesquisadores destas diversas áreas nos espaços de publicação do Serviço Social, afirmando a conquista de um lugar de destaque da profissão no processo de construção de conhecimento no âmbito da universidade e em seus diversos projetos.

Analisando pela outra ponta, podemos considerar que; 2) a produção do conhecimento pelo Serviço Social mostra-se em considerável volume, isto é, 2/3 dos artigos publicados no período analisado são da categoria profissional para a categoria profissional, mostrando uma considerável diferença no perfil da profissão em termos formativos, uma vez que, durante a formação da profissão e até o processo renovação a produção de conhecimento fazia-se extremamente escassa, não havendo nenhum consenso ou preocupação quanto ao estabelecimento de orientação teórica definida, o que tornava o Serviço Social refém de construções de outras áreas (às vezes não ligadas ao conhecimento científico, como o campo teológico-religioso), carente assim de um escopo de conhecimento próprio, derivado tanto de matrizes teóricas orientadoras, quanto de processos formativos próprios, ou ainda da prática profissional refletida e da análise da realidade social, das particularidades conjunturais e locais. Assim, estes 2/3 do total de publicações demonstram a tomada clara de independência profissional, mas não de isolamento, em termos de produção de conhecimento própria.

Porém, há uma questão séria que não pode deixar de ser notada e analisada, 3) do total das publicações - 329 artigos, 220 são de assistentes sociais brasileiros, e destes 220 apenas 37 carregam em seu referencial bibliográfico algum escrito de Marx. Deve-se levar em conta obviamente que, não é possível compreender definitivamente se um artigo tem por orientação teórica o marxismo apenas tomando

se há ou não presença de Marx em seu referencial bibliográfico, consideramos as diversas ramificações do marxismo ao longo da história, e a importância de muitos dos continuadores e intérpretes que se colocam nesta tradição, porém, não há como ignorar, se tratarmos especificamente do Marxismo de Marx, ou do marxismo ortodoxo, que é vital a influência do próprio fundador da tradição e sua presença nas produções que assim se orientam. Há ainda de considerar que, por mais diversa e ampla que seja a tradição marxista, para ser considerada como tal, deve girar em torno das formulações do próprio Marx – mesmo que de seus imperativos do *'método*[3]*'* –, assim, se não há presença deste, a apropriação do marxismo se dá por via secundárias, por fontes não originais e por vezes consideravelmente distantes das formulações do fundador da tradição. Neste ponto então não há como negar, de acordo com a nossa coleta de dados, a produção de assistentes sociais brasileiros que têm Marx em seu escopo bibliográfico, presentes na Revista Serviço Social e Sociedade nos últimos 10 anos, é bastante residual, chegando a apenas 1/6 do total das publicações, o que coloca em cheque a afirmação da hegemonia de uma corrente profissional orientada pelo marxismo, tendo em vista, que a presença do fundador da corrente teórica é ínfima.

Tal presença residual nos leva a principal constatação, tendo em vista os dados coletados e analisados até então, a orientação teórica marxista ou não é hegemônica, levando em conta as publicações analisadas, ou o marxismo utilizado pela profissão é fonte de adaptações e secundarizações[4] tais que não apresenta em sua grande maioria dos casos a presença do fundador da tradição marxista no escopo bibliográfico. Desta forma, a presença do marxismo de Marx, é consideravelmente

[3] Lembrando a argumentação de Marx acerca de seu 'método': ''Meu método dialético, por seu fundamento, difere do método hegeliano, senda a ele inteiramente oposto. Para Hegel, o processo de pensamento – que ele transforma em sujeito autônomo sob o nome de ideia – é o criado do real, e o real é apenas sua manifestação externa. Para mim, ao contrário, o ideal não é mais que o material transposto para a cabeça do ser humano e por ela interpretado'' (MARX, 2017, p.28). E ainda que, ''Os filósofos apenas interpretaram o mundo de diferentes maneiras; o que importa é transformá-lo'' (Marx, 2009, p.122).

[4] Vela apontar que grande parte das bibliografias citadas e que se encaixam neste perfil de marxismo secundário, não por sua qualidade, mas justamente porque não são a bibliografia genética do Marx ou a clássica que o acompanhou, compõe-se por autores como: Netto, Iamamoto, Antunes, Coutinho, Bhering, etc. Isto é, marxistas brasileiros com forte vínculo com a categoria.

pequena e mesmo assim contestável se fizermos a análise do conteúdo dos artigos que contém Marx (etapa posterior da pesquisa). Assim, há uma clara semelhança entre o padrão de apropriação do marxismo por parte da atualidade profissional com a apropriação praticada pela intenção de ruptura durante o processo de renovação, isto é, uma apropriação de produções secundárias, por vezes descoladas completamente das formulações de Marx e contaminadas por diversas outras correntes teóricas, configurando ecletismo, confusão metodológica e adaptação as teorias e demandas da moda, além de sucumbidas as exigências profissionais de controle da força de trabalho.

Há ainda a manutenção do padrão pluralístico, tendo em vista mesmo a não hegemonia numérica das formulações orientadas por Marx, a presença de 1/3 de artigos provenientes de outras áreas do conhecimento e o reduzido número de artigos com genuína presença de Marx, abrem espaço para a presença de outras vertentes teóricas orientadoras, de proposições a outras práticas profissionais, de adaptações diversas entre teorias, de proposições multidimensionadas, que mesmo não explícitas diretamente se manifestam nas relações bibliográficas, tais quais: o liberalismo, o reformismo, a pós-modernidade, o conservadorismo e etc.

3 CONCLUSÃO

Diante do cenário exposto, constata-se que, a presença de produções de assistentes sociais que bebem diretamente nas fontes originais de Marx é reduzidíssima. Numericamente a afirmada hegemonia da intenção de ruptura não se apresenta. Há clara presença de correntes teóricas diversas, tendo em vista todo o restante do material não referenciado por Marx. Possivelmente, grande parte do marxismo presente nos artigos é de fontes secundárias, reforçando o padrão de apropriação do marxismo da intenção de ruptura em seus primórdios e mantendo a lógica do pluralismo e de interlocução com outras áreas de conhecimento daquele período da renovação.

Para além da tendência numérica de não confirmação da afirmada hegemonia e confirmação do padrão de apropriação do marxismo derivado da renovação, há

claros indícios da manutenção deste mesmo padrão na análise qualitativa empreendida nos artigos de assistente sociais que contém algum texto de Marx na bibliografia. Percebe-se a presença de um marxismo muito distante das formulações de Marx, por vezes simplificado, deturpado ou mesmo equivocado. Marx, em muitos dos textos, é mero adereço, uma tentativa de demarcação como demonstram os conteúdos dos artigos e nas análises empreendidas. Portanto, analisando os artigos de assistentes sociais brasileiros na revista Serviço Social e Sociedade entre 2010 a 2020, é possível afirmar que: a dita hegemonia marxista, ou da intenção de ruptura não se apresenta, além disso, grande parte do marxismo presente é secundário, eclético, enviesado e completamente distante das formulações de Marx. Assim, o padrão de apropriação do Marx da intenção de ruptura aparenta ser o mesmo, ou até mais precário nos últimos 10 anos, tendo em vista o material que analisamos. O padrão de disputa pluralística por hegemonia teórica, como na renovação se mantém.

Deste modo, consideramos essencial dar continuidade a esta pesquisa, tendo em vista mesmo, sua importância na constatação das reais bases teórico-metodológicas vigentes e dominantes na profissão, demonstrando ainda a urgente necessidade, por parte dos autoafirmados marxistas, em repensar consideravelmente os caminhos do marxismo no serviço social, tendo em vista sua constatada presença residual, quando não, secundária, enviesada, eclética e deturpada.

REFERÊNCIAS

CHASIN, J. **Marx: estatuto ontológico e resolução metodológica**. São Paulo: Boitempo, 2009.

LESSA, S. **A crise da esquerda e do projeto ético-político do Serviço Social**. Maceió: Coletivo Veredas, 2020.

LESSA, S**. Serviço Social e trabalho: porque o serviço social não é trabalho**. 3ª Ed. Maceió: Coletivo Veredas, 2016.

LUKÁCS, G**. História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LUKÁCS, G. **Introdução a uma Estética Marxista: Sobre a Categoria da Particularidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

MARX, K**. A Miséria da Filosofia**. São Paulo: Editora Escala, 2007.

MARX, K. **O capital: crítica da economia política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

MARX, K; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

MORAES, Roque. **Análise de conteúdo**. Revista Educação, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

NETTO, J. **Ditadura e Serviço Social: uma análise do Serviço Social no Brasil pós-64**. 16ªed. São Paulo: Cortez, 2011.

NETTO, J**. Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

OLIVEIRA, E. **Redemocratização e serviço social: os caminhos do Serviço Social no Brasil pós-1985**. Curitiba: CRV, 2020.

TONET, I**. Método Científico: uma abordagem ontológica**. São Paulo: Instituto Lukács, 2013.

TONET, I. **Pluralismo metodológico: falso caminho**. In: Democracia e Liberdade?. Macéio, EDUFAL, 2007